

KOURY, Mauro. *Quebra de Confiança & Conflito entre iguais: cultura emotiva e moralidade em um bairro popular*. Coleção Cadernos GREM n. 9; Recife: Bagaço, 2016. 141 p.

Evanielly Velozo¹

Bolsista PIVIC-CNPQ/UFPB do GREM

Mauro Koury é antropólogo, professor na Universidade Federal da Paraíba e coordenador do GREM – Grupo de Pesquisa em Sociologia e Antropologia das Emoções. Neste livro discute as consequências morais para a cultura emotiva do bairro a partir de um movimento local por moradia digna

Para isso, lança mão de um trabalho etnográfico, procurando captar a história do bairro a partir das narrativas dos seus moradores e dos lugares de fala e cada um deles. Lugares de fala estes que ultrapassam as fronteiras geográficas e conformam fronteiras simbólicas, fazendo com que, deste modo, os moradores se situem frente outros moradores e a eles mesmos, independente de outros recortes, como gênero, raça, e outros. Como objeto de pesquisa, apresenta as estratégias de negociação, os dissensos, as acusações e ameaças de morte entre os moradores do Varjão/Rangel, bem como os processos de humilhação e de vergonha cotidiana e a formação de redes de intriga.

Metodologicamente falando, Koury debruçou-se em 50 depoimentos de pessoas que participaram direta ou indiretamente do movimento local por moradia digna estudado. Quanto à elaboração do texto, o autor, o divide em três capítulos, além de introdução e conclusão. O primeiro, *Varjão/Rangel: Elementos para uma história do Bairro*, trata de localizar geográfica e historicamente o bairro em questão. Em síntese, o Varjão/Rangel foi ocupado e forma espontânea e autônoma por pessoas pobres, que vinham principalmente do interior do Estado da Paraíba. No final dos anos 70, a fama de bairro problema foi se espalhando pela cidade como um todo, fazendo com que até hoje esteja presente na lista dos 10 bairros mais violentos da cidade de João Pessoa. Esse rumor afeta de modo direto os moradores, e estes passam a sentirem-se inferiores comparados aos moradores de outros bairros e por essa razão, buscam fugir desse rótulo e iniciam uma ação pela mudança do nome do local: de Varjão para Rangel. Rangel foi

¹Possui graduação em Administração pela Universidade de Pernambuco (2013). Está cursando Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. É bolsista PIVIC CNPq/UFPB no GREM (Grupo de Pesquisa em Sociologia e Antropologia das Emoções).

adotado pela imprensa e por empresas de transporte público, mas não pela Câmara Municipal da cidade. Essa renomeação ajudará na percepção dos moradores e na recuperação da imagem do bairro, permitindo integrá-lo a cidade.

O segundo capítulo, *Estranhamento, fofocas, estigmas, medos e pessoalidade*, prossegue de forma mais aprofundada e revela uma característica crucial para entender-se a dinâmica do bairro: por se tratar de uma área sem valor comercial para o mercado imobiliário, foi ocupada por pessoas que estavam dispostas a trabalhar juntas e assim, criaram-se laços de compadrio, de amizade e de vínculos familiares. Ou melhor: a pessoalidade no bairro sempre foi elevada e a sociabilidade intensa, atraindo para a pesquisa elementos como confiança e confiabilidade. Com base nisto, entende-se que existe uma certa dicotomia nessas relações: de um lado, a pessoalidade excessiva traz consigo extrema proximidade, laços e vínculos de gratidão e confiança; do outro, tensões e conflitos que acabam rompendo com essa pessoalidade. Para indivíduos que moram em lugares de intensa pessoalidade, os processos de inserção e pertença são mais incisivos e o coletivo consegue controlar moralmente e de forma direta o que foi e o que será feito. De acordo com esta pesquisa, este controle pode ser feito através de rede de fofocas. Koury prossegue dizendo que, “quanto mais pessoalizada as interações mais os envolvidos nela são dependentes das situações dos seus grupos, como grupos de referência para identificação de si mesmos, por eles mesmos ou por terceiros.” (p. 42). Proteção, solidariedade e amor, do mesmo modo que intromissão na vida do outro, manipulação e ódio são elementos presentes nas mais diversas narrativas dos moradores do Varjão/Rangel. Chega-se ao ponto de compreensão do valor que o local tem na formação das identidades coletivas e individuais. No texto, o autor usa Mead (1973) para explicar o lugar do nós, do coletivo, de quem ama e despreza ao mesmo tempo a partir das narrativas ambíguas dos moradores. Com base no estranhamento do outro e na estigmatização de cidade sobre o bairro, os moradores estabelecem fronteiras simbólicas internas. Estas complexificam a vivência e a interação entre os moradores do lugar e a ambivalência do ódio e amor faz o bairro que é um transformar-se em dois (Varjão – Ruim e Rangel – Bom). Particularmente, é onde reside a particularidade da obra, pois Koury consegue decifrar o que há por traz de uma comunidade aparentemente obscura.

No terceiro e último capítulo, *Quebra de confiança e conflito em uma instância pessoalizada*, o autor encaminha os leitores ao problema encontrado na regularização das ocupações e no cadastramento das famílias locais para o projeto de habitação Paulo

Afonso ou PA III (como popularmente é chamado) criado pela prefeitura da cidade em 2006. O que acirrou a guerra entre moradores do PA III contra os do Rangel (ou vice-versa) foi justamente quando aqueles cederem as pressões políticas e manipulação na ordem do credenciamento das famílias para a ocupação das novas residências no bairro. Este fato fez com que houvesse uma divisão entre a comunidade em moradores que cederam e que estão morando no PA III (traidores) e os moradores do Varjão/Rangel que não conseguiram ser contemplados. Partindo daqui, o autor identifica um sentimento forte de traição, que modificou o sentimento de ofensa moral e produziu revolta dos não contemplados, além da sensação de frustração e raiva despertadas nestes, assim como a de perda de respeito pessoal. O acontecimento trouxe também uma desvalorização do que a comunidade expressava como lealdade e honra. Apreende-se que, o que intensificou o conflito foi a fofoca, que através dos moradores difamava e detratava os ditos traidores. O que era considerado segredo, quando descoberto, torna-se um escândalo e são esses que causam fraturas nas relações existentes dentro do bairro, transformando amigos em inimigos, excluindo indivíduos da convivência social e dividindo o território em duas partes.

Assim, com uma narrativa rica em detalhes, e tornando a leitura um verdadeiro exercício de transferência para o bairro em questão, Koury monta um trabalho alicerçado a um referencial teórico fulcral para pesquisas na antropologia. Principalmente, cabe frisar, para a antropologia urbana e antropologia das emoções, contribuindo assim, para a compreensão da moral e da cultura emotiva em bairros específicos da cidade de João Pessoa.